

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMILIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 6

AGOSTO DE 1958

URNAS FUNERÁRIAS DO RIO CURURÚ, ALTO TAPAJÓS**PETER PAUL HILBERT**

Museu Goeldi

INTRODUÇÃO

As urnas funerárias aqui descritas foram escavadas por frei Protásio Frikel, O. F. M., em julho de 1957, na missão franciscana "São Francisco do Cururú". Com uma exceção, as urnas já se encontravam quebradas e incompletas dentro da terra. A única ainda intacta foi quebrada na viagem fluvial, bastante acidentada, do Alto Tapajós até Belém, onde foi reconstituída juntamente com as demais peças, no Museu Goeldi, por frei Protásio. Além dessas peças reconstituídas, fazem parte da coleção do rio Cururú, cacos do mesmo tipo cerâmico, colhidos juntos das urnas. Quando se encontravam entre êstes, pedaços de bordas ou peças maiores do corpo e da base, êsses fragmentos foram reconstituídos gráficamente e o resultado incluído na descrição tipológica.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

O Cururú, afluente da margem direita do Tapajós, é um rio de águas pretas, cujas cabeceiras desconhecidas estão localizadas na serra do Cachimbo, no Maciço Central Brasileiro. Vindo de terrenos do Arcaico, o rio Cururú corre primeiramente em direção ao sul, para mais adiante durante a maior parte do seu curso, tomar rumo nor-noroeste, atravessando uma zona de arenitos pobres do Cretáceo. Saindo do planalto forma uma grande queda e uma série de corredeiras, que findam mais ou

menos 200 kms. antes da embocadura no Tapajós. Aí começa o baixo Cururú, constituindo um largo vale com floresta típica de inundação, os chamados igapós, nos quais o seu curso propriamente dito corre em meandros sinuosos. Muitos lagos, velhas curvas de meandros cortados, aqui acompanham o rio (Sioli, 1951).

A missão "São Francisco do Cururú" fundada em 1911 pelos padres franciscanos alemães, se encontra na margem esquerda, do ~~alto Tapajós~~ cêrca de 120 kms. acima da foz do Cururú. É a região dos índios Mundurucú, uma tribo geralmente identificada ao grupo linguístico Tupí, que no século XVIII era conhecida por sua tendência belicosa e agressiva. Estenderam êsses índios suas ações guerreiras ao norte até a margem do Amazonas, onde atacaram as atuais cidades de Santarém e Gurupá (Horton, 1948:273). Após um armistício (1795), êles se confinaram à região entre o alto Tapajós e o baixo Madeira, como também nos rios que desaguam ao norte no Amazonas, como o Maués-Açú, Abacaxis e Canumá, onde no decorrer do século XIX sofreram processo de intensa aculturação. No alto Tapajós especialmente na sua margem direita, entre o rio Cururú, ao sul, e o rio das Tropas, ao norte, os Mundurucú se mantiveram intactos por mais tempo. A sua fonte de subsistência era a agricultura, predominando a base de mandioca, a caça e a pesca. Hoje em dia trabalham, principalmente, na extração da borracha. Robert e Yolanda Murphy (1954:36), etnólogos que em 1952-53 permaneceram entre os índios do rio Cururú ainda mencionam os "campineiros", grupo Mundurucú que vive nas savanas ao leste do alto Tapajós, na região que se estende das cabeceiras dos rios Cadirirí, Cabitutú e das Tropas, em direção ao sul, até quase às margens do rio Cururú. Como êles vivem mais isolados da influência imediata neo-brasileira do rio Cururú, mantêm ainda certos traços culturais dos antigos Mundurucú. Êsses autores informam que durante o inverno quando os Mundurucú voltam das estradas de borracha, mais ou menos 200 aborígenes vivem na Missão. "Em adiantamento, cêrca de 40 crianças freqüentam o internato da Missão, onde recebem instrução religiosa, aprendem o português, leitura e escrita. Essas

crianças são recrutadas entre as famílias do Cururú quando contam cinco a dez anos e permanecem até atingirem 15 ou 16 anos. Então estão prontas a se tornarem auto-subsistentes economicamente e a se casarem" . . . "As facilidades materiais da Missão incluem uma casa de dois andares, que serve de residência para os padres e de dormitório para os rapazes; outra casa, maior, também de dois andares, contendo cozinha, refeitório, dormitório das moças, uma sala de aula e os aposentos das freiras; uma oficina e um gerador turbo-elétrico; a igreja e cêrca de uma dúzia de residências indígenas".

OS ACHADOS

As urnas foram achadas na parte do terreno da Missão que está perto da margem do rio Cururú; quatro delas nas proximidades do barranco, entre as casas dos Mundurucú civilizados, duas outras mais para dentro, e uma diretamente em frente do domicílio dos padres, no meio da rua. As urnas foram encontradas imediatamente abaixo da superfície numa camada de terra prêta, de cêrca de 50 centímetros de profundidade, que por sua vez se estende sôbre um barro amarelo. Algumas eram visíveis na própria superfície onde se destacavam como anéis mais claros e levemente protuberantes na terra mais escura. Essas urnas deveriam ter sido depositadas mais profundamente, porém uma vez limpa a terra da vegetação superficial, o efeito erosivo das chuvas e o tráfego pedestre, especialmente entre o barranco e os prédios da Missão, no decorrer dos decênios, devem ter carregado uma boa parte desta terra prêta. A baixa do nível é calculada entre 30 e 40 cm. A distribuição das vasilhas na terra parece ter sido arbitrária sem obedecer a um padrão. Trata-se exclusivamente de urnas de enterramento secundário. As vasilhas continham fragmentos de ossos longos ou esfarelados, misturados com terra. Em nenhum caso foram achadas oferendas, dentro ou fora das urnas.

Na vizinhança próxima, mais ou menos na mesma área que cobre a extensão do terreno da Missão, foram encontrados esporadicamente outros cacos do mesmo tipo de cerâmica descrito aqui, entre êles, fragmentos de pratos tipo "cuscuseiro". Este

fato podia indicar que se trata tanto de um sítio cemitério como de moradia. Mais de 95% dos cacos são lisos; os cacos decorados mostram traços de côr vermelho-púrpura. Frei Protásio ainda menciona pintura de amostras simples, executadas em branco ou vermelho sôbre fundo branco.

DESCRIÇÃO DA CERÂMICA

Das urnas sômente uma (fig. 4, H) foi encontrada inteira, apenas a borda estava desgastada porque esta parte já estava fora da terra, e o fundo sólto, porém inteiro. Continha restos de ossos de dois indivíduos, uma pessoa adulta e uma criança (1). Julgando pela posição do maxilar e do crâneo, o lado frontal estava em direção este. Os ossos foram encontrados em estado extremamente frágil e os poucos fragmentos maiores foram postos numa solução de cola para fixação. A boa condição dos dentes deixa supor que o adulto se trata de uma pessoa jôvem.

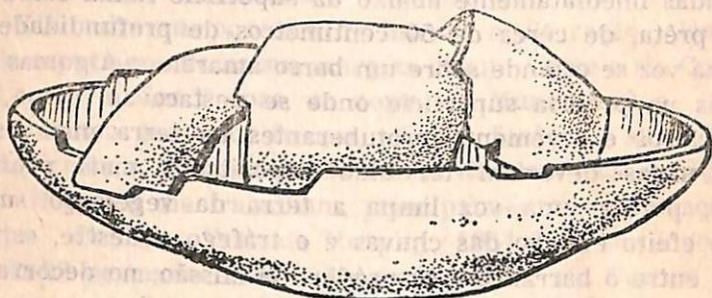


Fig. 1 — Urna funerária com tampa improvisada por três fragmentos de vasos.

Tôdas as outras urnas estavam quebradas com muitas partes faltando ou se achavam, já no momento do entêrro, fragmentadas. O último fato é bem explicado pelos exemplos seguintes. A figura I mostra uma urna que aparentemente serviu para o

(1) Há possibilidade de se tratar de u'a mãe com seu filho. Alguns índios Mundurucú ainda hoje em dia enterram a criança viva junto com a mãe, quando esta morre de parto.

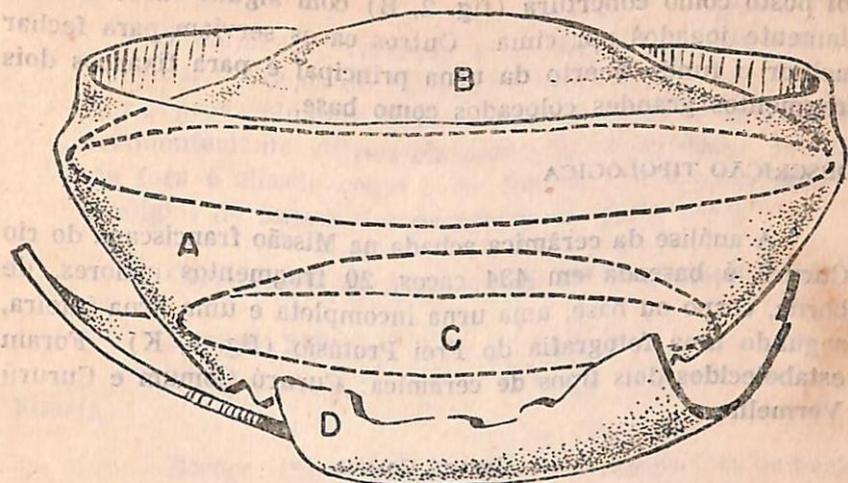


Fig. 2 — Urna funerária composta. A, urna própria dita; B e C, fundos de vaso servindo como tampas; D, fragmentos de vaso substituindo a base.

entêrro de uma criança, constituída apenas pela parte basal de um vaso maior. Como tampa serviam três fragmentos maiores da mesma urna, dispostos paralelamente com o lado côncavo voltado sôbre a abertura. Os ossos em seu interior, estavam esfarelados. Ao seu lado se encontrava uma segunda urna muito quebrada e sem fundo. Como tampa servia-lhe o fundo de uma outra vasilha maior.

Um outro exemplo dessa técnica de enterramento improvisado é explicado na figura 2. A urna própria dita (Fig. 2, A) estava inteira, faltando apenas o fundo, mas êste já faltava desde o entêrro, como provam dois fragmentos maiores de diversas vasilhas que substituíam a base ausente (fig. 2, D). Em cima dêsses dois fragmentos encontravam-se restos de ossos pulverizados, formando um bolo compacto de 25 cm de diâmetro e 5 cm de espessura. Cobrindo os restos de ossos, com o lado convexo para cima, foi posto o fundo de uma outra vasilha (fig. 2, C). Êste fragmento de base já bastante frágil, parece que só insuficientemente fêz seu papel como tampa protetora, pois um segundo fragmento, igualmente com a base invertida,

foi posto como cobertura (fig. 2, B) com alguns cacos arbitrariamente jogados por cima. Outros cacos serviam para fechar melhor o fundo aberto da urna principal e para fixar os dois fragmentos grandes colocados como base.

DESCRIÇÃO TIPOLOGICA

A análise da cerâmica achada na Missão franciscana do rio Cururú é baseada em 434 cacos, 20 fragmentos maiores, de borda, corpo ou base, uma urna incompleta e uma urna inteira, segundo uma fotografia do Frei Protásio (fig. 5, K). Foram estabelecidos dois tipos de cerâmica: Cururú Comum e Cururú Vermelho.

CURURÚ COMUM

PASTA:

Manufatura: Técnica de enroscamento. As roscas têm uma largura média de cerca de 2 cm. As marcas das junções são freqüentemente visíveis por dentro. As quebras quase sempre ocorrem ao longo das junções, seguindo às vezes toda a circunferência do vaso.

Tempêro: Cauixi em grande quantidade; a ocorrência de uma pequena quantidade de areia parece não ser intencional.

Textura: Fino médio, com um toque áspero de giz. Apesar de facilmente quebrável nas zonas de ligamento das roscas a cerâmica tem bastante consistência. Pequenas bôlsas de ar são freqüentes.

Côr: A quebra apresenta um núcleo cinza escuro, em quase a sua totalidade. As superfícies são melhor oxidadas e mostram listras finas amarelo-sujo. A falta de núcleo cinza escuro é exceção.

Queimação: Oxidação incompleta.

SUPERFÍCIE:

Tratamento: Variando de moderadamente alisado até irregular. Traços de alisamento de 3 até 10 mm de largura, provavelmente feitos com um pequeno seixo, são freqüentemente visíveis em ambas as superfícies. O lado de fora é alisado como o de dentro. Uma urna mostra vestígios de impressões de esteira na parte basal.

Côr: Varia do marron-sujo até marron-pardo.

Dureza: 2.5.

FORMA:

Bordas: Direitas, levemente viradas para fora ou para dentro, com lábios apontados, redondos ou angulares. Um tipo de borda sempre tem uma margem de variação rela-

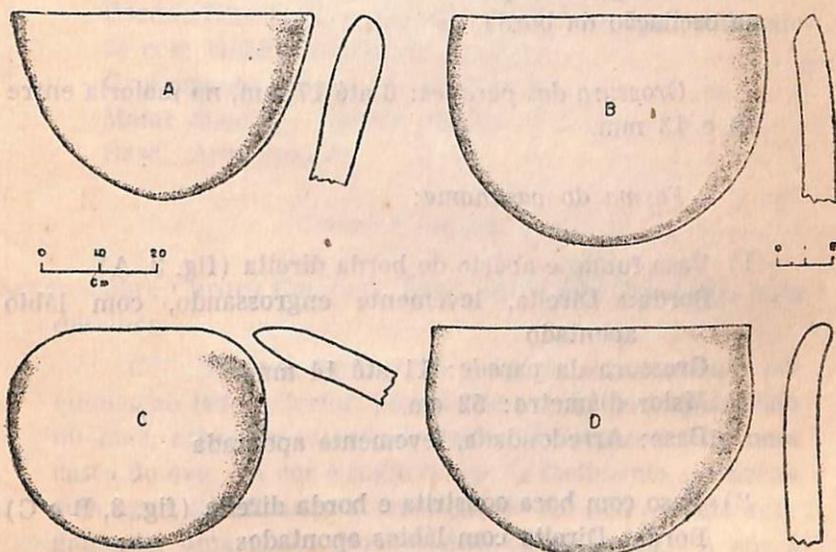


Fig. 3 — Tipos de urnas. A, B, C, de borda direita; D, de pescoço levemente constricto e de borda virada para fora.

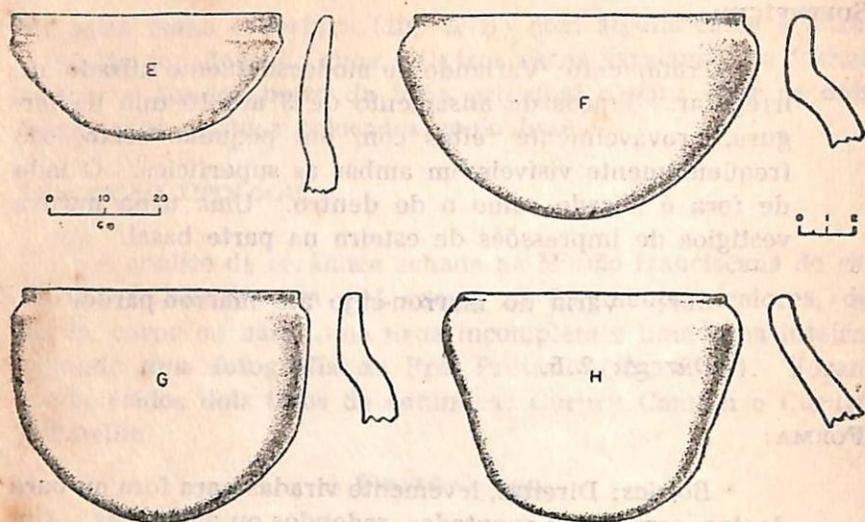


Fig. 4 — Tipos de urnas. E até H, de pescoço baixo e constricto.

tivamente grande, que se manifesta tanto no perfil como na oscilação da borda.

Grossura das paredes: 6 até 17 mm, na maioria entre 12 e 13 mm.

Forma do vasilhame:

- 1) Vaso fundo e aberto de borda direita (fig. 3, A)
 Borda: Direita, levemente engrossando, com lábio apontado
 Grossura da parede: 11 até 14 mm.
 Maior diâmetro: 52 cm.
 Base: Arredondada, levemente apontada
- 2) Vaso com boca constricta e borda direita (fig. 3, B e C)
 Borda: Direita com lábios apontados
 Grossura da parede: 10 até 15 mm.
 Maior diâmetro: 44 até 56 cm.
 Base: Arredondada

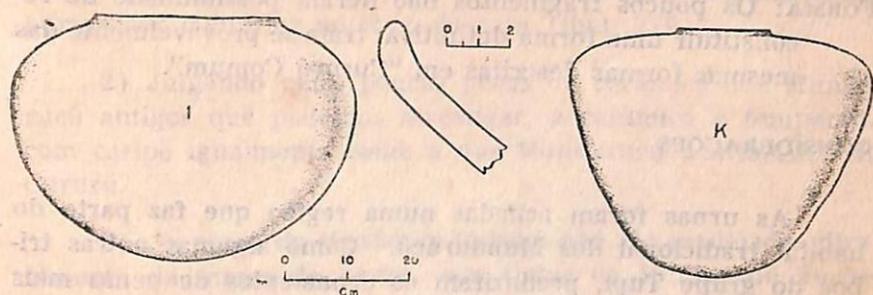


Fig. 5 — Tipos de urnas. I e K, de pescoço baixo e acentuadamente constricto.

- 3) Vaso com pescoço levemente constricto (fig. 3, D)
 Borda: Levemente virada para fora com lábio redondo
 Grossura da parede: 11 até 15 mm.
 Maior diâmetro: 58 cm.
 Base: Arredondada

- 4) Vaso com pescoço baixo e constricto (fig. 4, E até K).
 Borda: Direita ou levemente virado para fora afiliando-se com lábio redondo ou angular.
 Grossura da parede: 7 até 17 mm.
 Maior diâmetro: 48 até 64 cm.
 Base: Arredondada

CURURÚ VERMELHO

PASTA: Sobre Cururú Comum. Ver a descrição desse tipo para detalhes.

Côr: Trata-se sempre de manchas relativamente pequenas ao lado exterior, pintadas ora num fino aquarelado ou mais raro, em camada irregular da espessura de uma casca de ovo. A côr é fugitiva e pode facilmente ser tirada com água, justificando a suposição de ter sido pintada antigamente, uma maior percentagem de cerâmica. A côr é um vermelho púrpura pálido, um tom que por causa da sua raridade na escala vermelha da cerâmica pintada ou banhada, da Amazônia, desperta a atenção imediatamente.

FORMA: Os poucos fragmentos não deram possibilidade de reconstituir uma forma definitiva; trata-se provavelmente das mesmas formas descritas em "Cururú Comum".

CONSIDERAÇÕES

As urnas foram achadas numa região que faz parte do habitat tradicional dos Mundurucú. Como algumas outras tribos do grupo Tupí, produziram os ornamentos de penas mais finos que nós conhecemos, enquanto a cerâmica "feita pela mulher é modelada diretamente da massa de barro, é dita de qualidade pobre" (Horton, 1948:276). Fato que ocorre também com outra tribo Tupí, os Urubú-Kaapor, que apesar de serem artistas esplêndidos na criação de adôrnos de penas, possuem uma cerâmica marcadamente simples, quase primitiva. A cerâmica aqui descrita é tão grosseira como a destes índios, tanto do ponto de vista técnico como do artístico. O tratamento da superfície é bastante descuidado e irregular. A ligação entre as roscas é sempre mal executada e desfaz-se com facilidade. As vasilhas são sempre assimétricas, as bordas de altura e perfil irregular. A pintura, com exceção dos traços raros e irregulares de um engobio vermelho, falta, como também, adôrnos plásticos. Nota-se uma forte semelhança com certo tipo de urnas Tupí-guaraní do sul do Brasil, do Paraguai e Argentina setentrional e da Bolívia. Apesar da ausência da técnica típica de impressão de dedos e de uma decoração pintada de vermelho e preto em cima de branco, verifica-se em ambos a ocorrência da mesma boca larga com pescoço curto, de ombros moderadamente acentuados como também a base redonda ou redonda apontada.

Outros pontos, no entanto, sublinham que os fabricantes dessa cerâmica não podem ser identificados com os Mundurucú históricos.

1) Os Mundurucú desconheciam o entérro secundário de ossos. Sômente os esqueletos de pessoas de posição mais alta foram, depois de desfeita a carne, queimados e a cinza enterrada em urnas. Normalmente o corpo do morto era embrulhado numa

rêde e colocado em posição vertical com os joelhos flexionados, numa cova cilíndrica no chão da casa (ibid.:279).

2) Julgando pelas poucas peças de cerâmica dos Mundurucú antigos que podemos investigar, a cerâmica é temperada com caripé igualmente como a dos Mundurucú aculturados do Cururú.

3) As urnas da Missão do Cururú não são modeladas diretamente da massa do barro, mas feitas na técnica de enrocamento.

4) Os próprios Mundurucú chamam à essas urnas pariwatî a — panela (urna) de gente (índios) alheia ou de índios forasteiros. Afirmam serem estas urnas de origem não Mundurucú e pré-Mundurucú. Mas de que povo, não sabem dizer.

Sobre os habitantes pré-Mundurucú do rio Cururú somos informados por Curt Nimuendajú num artigo sobre os Parintintin, uma tribo igualmente pertencente ao grupo Tupí (Nimuendajú, 1948:284, 289). “Parintintin (Pari, índio não Mundurucú; rign-rign, fétido) é o nome dado aos Kawahib pelos Mundurucú, os seus inimigos mortais e vizinhos ao norte. Os Mundurucú originalmente foram concentrados na região do rio das Tropas, mas desde 1750 eles têm se estendido principalmente à costa dos Kawahib. Os Mundurucú de acôrdo com a sua tradição expulsaram os Parintintin da bacia do rio Cururú. Eles continuaram a persegui-los até começos do século XX e sem dúvida foram a causa da sua divisão em seis grupos isolados, entre o São Manuel-Paranatinga e o Madeira. Dois dos mais importantes dêstes, os Parintintin do Madeira e os “Tupí” do Machado chamam a si de Kawahib”.

Em 1922-23, ao tempo da sua pacificação por Nimuendajú, os Parintintin viviam entre o Madeira e as partes do rio Machado que desaguam no Amazonas e do rio Marmelos, como também no afluente direito, o rio Branco. Os Parintintin não fabricavam mais cerâmica, “mas”, continua Nimuendajú, “essa tribo sabe a palavra Tupí para pote (nyaepe pó) uma palavra formada por nyaé (barro), pelo que deve ter perdido só recentemente o domínio da arte cerâmica”.

A mesma tendência para perda ou eliminação da cerâmica nós encontramos também entre os Tupí-Kawahib. Esta tribo foi mencionada acima como originalmente idêntica aos Parintintin e ainda fabrica, ao contrário da sua tribo irmã, um tipo cerâmica. Seu habitat, ambos os lados do rio Machado, é vizinho aos Parintintin. Levy Strauss (Levy Strauss, 1948:303) que visitou esse grupo em 1938 descreve sua cerâmica como sendo de alguidares hemisféricos, grandes para a fabricação de chicha e pequenos para a refeição individual, e grandes pratos largos circulares para torrar farinha. Nenhum era decorado. Informantes, no entanto, falam de uma tinta púrpura obtida de uma fôlha silvestre, que foi usada antigamente para pintar desenhos geométricos.

Em ambos os casos parece tratar-se da perda de um traço cultural, ocorrido em época relativamente recente. Sob este ponto de vista seria possível que os velhos "Cabahiba" do rio Cururú, isto é, os ancestrais diretos dos Parintintin e dos Tupí-Kawahib, antes de sua expulsão pelos Mundurucú, tivessem igualmente tido cerâmica. Dois outros pontos acentuam ainda a semelhança entre a cerâmica desses descendentes dos "Cabahiba" com a cerâmica da Missão São Francisco do Cururú. Frei Protásio cita a existência de "cuscuseiros", cujos fragmentos foram achados no contexto com as urnas. "Cuscuseiros" foram também observados por Levy Strauss entre os Tupí-Kawahib. Ambos os grupos usavam o mesmo tom de côr. Banho ou pintura vermelha, na cerâmica amazônica incluem-se no setor que tende para o marron da escala vermelha, marron vermelho, marron tijolo ou marron zinnober, raramente vermelho carmin. Púrpura, entretanto, é uma exceção que inegavelmente salta aos olhos. O vermelho púrpura do Cururú é fugitivo. A pintura da velha cerâmica Tupí-Kawahib, segundo o informante de Levy Strauss, era de origem vegetal e conseqüentemente fugitiva.

Infelizmente não foi possível adquirir pormenores ceramotológicos sobre a cerâmica Tupí-Kawahib, como por exemplo: tempêro, técnica de queimação, dureza, etc. que poderiam assegurar ou informar a possibilidade de conexão aqui sugerida. Pesquisas futuras poderão contribuir para uma solução.

SUMMARY

In the present paper a number of secondary burial urns from the Cururú River, eastern tributary of the Tapajóz River, State of Pará, Brazil, are described and classified. The area belongs to the traditional habitat of the Mundurucú Indians, a Tupian speaking group which, however, consider these urns as not belonging to their tradition. A tentative is made to link the pottery with the Parintintin, another Tupian speaking group, the ancient inhabitants of the region before their expulsion by the Mundurucú.

BIBLIOGRAFIA

HORTON, DONALD:

1948 — The Mundurucú, Handbook of South America Indians, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Vol. 3, pp. 271-82.

LEVY STRAUSS, CLAUDE:

1948 — The Tupi-Kawahib, Handbook of South America Indians, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Vol. 2, pp. 299-305.

MÉTRAUX, ALFRED:

1948 — The Guarani, Handbook of South America Indians, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, Vol. 3, pp. 69-94.

MURPHY, ROBERT E YOLANDA:

1954 — As condições atuais dos Mundurucú. Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. Publ. n.º 8. Belém do Pará.

NIMUENDAJÚ, CURT:

1948 — The Kawahib, Parintintin and their Neighbors, Handbook of South America Indians, Bureau of American Ethnology, Bulletin 1943, Vol. 3, pp. 283-97.

SIOLI, HAROLD:

1951 — Alguns resultados e problemas da Limnologia Amazônica, Boletim Técnico do Instituto Agrônômico do Norte, n.º 24. Belém do Pará.